



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista ao momento em que Jorge Quiroga, ex-presidente da Bolívia, fala aos passageiros do voo retido pelo regime de Maduro.

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



VENEZUELA

Um sonho nas urnas

Mais de 21,6 milhões de pessoas estão registradas para escolher o próximo presidente do país. Líderes da oposição no exílio falam ao **Correio** sobre a esperança de pôr fim ao regime de Maduro e de poderem retornar ao país, depois da eleição de hoje

» RODRIGO CRAVEIRO

Ex-deputado da Assembleia Nacional, o engenheiro Juan Guaidó, 40 anos, se proclamou presidente da Venezuela entre 2019 e 2023. Hoje, vive exilado em Miami. Fundador do partido Voluntad Popular e ex-prefeito de Chacao, o economista Leopoldo López, 53, passou meia década detido na penitenciária de Ramo Verde, perto de Caracas. Em 2020, depois de se refugiar na Embaixada da Espanha, em Caracas, fugiu para Madri, onde mora com a família. Ex-prefeito de Caracas, o advogado Antonio Ledezma, 69, foi capturado de pijama em casa, no meio da madrugada, por agentes do Serviço Bolivariano de Inteligência Nacional (Sebin). Em 2017, escapou para a Colômbia e, depois, se exilou na Espanha.

Se a oposição tem boas chances de vencer as históricas eleições deste domingo e passar a governar a Venezuela, com o ex-diplomata Edmundo González Urrutia, 74, apoiado pela ex-deputada María Corina Machado, isso se deve, em grande parte, aos três políticos, que

desafiaram o regime de Nicolás Maduro, atraíram os holofotes da mídia internacional para as violações dos direitos humanos cometidas pelo Palácio de Miraflores e buscaram apoio de governos. Em entrevista ao **Correio**, Guaidó, López e Ledezma falaram sobre as expectativas em relação às eleições de hoje.

A votação deve ocorrer sob tensão. Maduro ameaçou um banho de sangue e uma guerra civil, em caso de derrota. Na sexta-feira, a Venezuela fechou as fronteiras com a Colômbia e o Brasil. No mesmo dia, o avião com uma comitiva internacional convidada pela oposição — incluindo os ex-presidentes Vicente Fox (México), Jorge Quiroga (Bolívia) e senadores chilenos — foi impedida de aterrissar na Venezuela.

Ontem, o procurador-geral da Venezuela, Tarek William Saab, advertiu que somente o Conselho Nacional Eleitoral (CNE) é o único organismo dotado de legitimidade para anunciar os resultados das eleições, “na hora que quiser”. O presidente, por sua vez, se reuniu com embaixadores, na sede do Ministério das Relações Exteriores.

Yuri Cortez/AFP



Observadores internacionais visitam seção de votação, na capital Caracas: Maduro pôs em xeque lisura das urnas eletrônicas

Otimismo e planos de voltar para casa

JUAN GAUIDÓ

“Nicolás Maduro não entregará o poder facilmente”

“Na Venezuela, já existe um banho de sangue provocado pela ditadura de Maduro. Não somente dos torturados, dos perseguidos, dos assassinados políticos. Maduro está no Tribunal Penal Internacional, consequência da guerra da ditadura contra os seus cidadãos. As ameaças sobre uma guerra civil visam semear o medo. Vamos enfrentá-las, conseguir uma transição democrática e fazer justiça. A candidatura de Edmundo González Urrutia significa democracia, liberdade, felicidade, tranquilidade, progresso e prosperidade.

É evidente que Maduro não entregará o poder facilmente, pois é um ditador. Se existissem coisas fáceis na Venezuela, tudo seguiria a Constituição, com o exercício do voto pela maioria. A transição pacífica é um desafio no marco da nossa Constituição. O respeito à Constituição garante conquistas políticas e sociais. Apesar de Lula ser aliado ideológico de Maduro, ele tem que entender que precisa apoiar regras democráticas.

O novo governo terá os desafios gigantes de estabilizar o país, imerso numa emergência humanitária complexa; e de lidar com a segurança pessoal e jurídica. Garantir serviços básicos, como o acesso a alimentos e remédios. Será preciso construir o progresso, e



YURI CORTEZ

isso passa pela segurança jurídica. O mais importante é responder à crise humanitária. Enfrentamos uma ditadura com ligações com o narcotráfico, o crime organizado, o terrorismo. A estabilização do país vai gerar confiança da comunidade internacional, atrair investimentos e criar empregos.

Hoje, 8 milhões de venezuelanos estão no exílio, por causa da perseguição política e da falta de oportunidades. É claro que desejamos regressar à Venezuela para ajudar o nosso país. Mas que seja por nossa decisão. Saímos forçados. Com uma Venezuela democrática e livre, poderemos decidir. Isso tem a ver com liberdade e com a democracia. Escolher, livremente, sem medo de represálias. Voltarei com uma perspectiva de vida, de estabilidade e melhor relacionamento com a comunidade internacional. A Venezuela poderá se tornar um exemplo de democracia e de luta pela democracia.”

LEOPOLDO LÓPEZ

“Existe zero probabilidade de o regime ganhar hoje”

“As ameaças de Maduro de cometer um banho de sangue são uma amostra de debilidade, uma demonstração de que ele está perdido e precisa apelar ao medo, infundir terror e impedir que o povo sinta esperança. Creio ser uma estratégia malsucedida, que gerou mais mobilização e uma atitude mais desafiadora da população. Para domingo (hoje), há uma certeza seguida de incerteza. A certeza é de que Edmundo González vencerá a eleição. Não temos absolutamente nenhuma dúvida disso.

Há zero probabilidade de que Maduro vença a eleição. As pesquisas mostram uma vantagem gigantesca para Edmundo González, nosso candidato, e Maduro. São entre 30 e 40 pontos percentuais de diferença. A incerteza está no que Maduro fará a respeito desses resultados; se os aceitará e iniciará uma transição rumo à democracia, uma transição estável e com garantias. Outro cenário envolve a pretensão de Maduro de impor uma fraude. Isso apenas atrasará um cenário inevitável: a mudança.

Não há clareza sobre as ações de Maduro ao tomar conhecimento dos resultados. Ele ameaçou com um banho de sangue e uma guerra civil. Mas esses atos



LEO RAMIREZ

seriam muito difíceis de serem ocultados. A transição ocorrerá em dois tempos: a primeira etapa, entre 29 de julho e 10 de janeiro, quando haverá a posse presidencial; a partir de então, teremos um novo governo. Na minha opinião, a prioridade de Edmundo será que ser consular a transição, a estrutura e os acordos, a fim de termos um processo estável e com garantias e que atenda à prioridade de todos os venezuelanos: o aumento do poder aquisitivo.

Com a vitória, de Edmundo González, com certeza, tenho a intenção de regressar à Venezuela. Não sou o único. Somos 8 milhões de venezuelanos que estão acompanhando as eleições fora da Venezuela, pois não podemos estar em nosso país. Buscamos saber apenas quando e como regressar. Com certeza, estamos com muita esperança.”

ANTONIO LEDEZMA

“O grande desafio será uma transição sem traumas”

“Eu me sinto muito bem representado pelo que disse publicamente o presidente Lula. As ameaças de Maduro sobre um banho de sangue e uma guerra civil são reflexos da loucura de alguém desesperado, que não tem mais a mínima responsabilidade como chefe de Estado. Resta a Maduro escutar a recomendação do presidente Lula de que os presidentes que perderem as eleições precisam deixar o poder com um banho de votos, não com um banho de sangue.

Para distrair ou manter o pouco de respaldo que tem, Maduro apela à fanfarronice e aos discursos delirantes, ao dizer que não entregará o poder. Como disseram seus companheiros do Fórum de São Paulo — como Lula, Gustavo Petro (Colômbia) e Alberto Fernández (Argentina) — o que resta a Maduro é entregar o poder e se preparar, com o seu partido, para começar a fazer oposição.

O grande desafio será uma transição pacífica, sem traumas, sem maiores conflitos. O povo da Venezuela tem sofrido muito. Há tarefas que se cruzam e têm o mesmo nível de importância: tirar o povo da miséria, e resolver a tragédia financeira e



JAVIER SORIANO

econômica do país. Isso implica em renegociar a dívida externa, buscar dinheiro em organismos internacionais para financiar a reconstrução nacional, reviver o aparato produtivo, criar empregos, recuperar a infraestrutura (rodovias, escolas, hospitais), desenvolver um grande plano de reconciliação nacional, reativar fontes de renda-chaves (como a indústria petrolífera). Essas tarefas começarão a ser cumpridas nos primeiros 100 dias.

Tenho muita confiança de que a vontade soberana do povo se imporá. Maduro terá que se resignar e aceitar a derrota. Estou de malas prontas para retornar ao meu país. É meu direito e meu sonho. Quero me encontrar com a minha família, voltar a respirar o ar venezuelano e ser um a mais nesse exército disposto a contribuir com o processo de reconstrução nacional.”

» Entrevista | JORGE QUIROGA | EX-PRESIDENTE DA BOLÍVIA

“São os estertores de uma ditadura”

Na sexta-feira, ex-presidentes de países da América Latina convidados a Caracas pela ex-deputada opositora para atuarem como observadores nas eleições deste domingo foram impedidos de viajar da Cidade do Panamá para a Venezuela. Entre os políticos que faziam parte do voo da Copa Airlines, estava o ex-presidente da Bolívia Jorge Quiroga (2001-2002). Do Panamá, ele falou com exclusividade ao **Correio**, ontem. Além da proibição da viagem, dez congressistas e eurodeputados do Partido Popular (PP) espanhol, assim como uma parlamentar da Colômbia e outra do Equador, foram deportados ao chegarem ao aeroporto de Maiquetía, que serve a Caracas.

Como ocorreu a retenção do avião onde o senhor e outros ex-presidentes estavam?

O narcotirano Maduro, que liderou um regime criminoso e delinquente, uma tirania feroz e atroz, chegou a níveis inverossímeis ontem (sexta-feira). Ele deportou, massivamente, deputados europeus, deputadas mexicanas e equatorianas, a ex-prefeita de Bogotá (Claudia López) e congressistas argentinos. No nosso caso, uma delegação de ex-presidentes conhecidos, como eu, Vicente Fox (México), Mireya Moscoso (Panamá) e Ángel Rodríguez (Costa Rica). Em março de 2018, fui deportado de Cuba. Jamais tinha visto a tirania realizar sequestros

extraterritoriais de aviões comerciais, além de aeronaves dentro da Venezuela. Fizeram centenas de passageiros como reféns no nosso voo, o 223 da Copa Airlines, até que abandonássemos o avião. Somos cinco-ex-mandatários democráticos que defenderíamos a liberdade na Venezuela. Foram dois ou três aviões impedidos pelo Panamá de decolar para entrar na Venezuela. Isso ocorreu às 11h37 (13h37, em Brasília). Outro avião da Copa Airlines, cheio de passageiros, não pôde sair de Caracas, até que deixássemos o voo.

De que modo o senhor avalia essa postura do regime venezuelano?

São os estertores de uma ditadura decadente, em fase terminal, que busca incutir medo e evitar que a jornada eleitoral de domingo se converta em um evento referencial para o mundo inteiro, ao testemunhar como

a Venezuela recuperará a democracia e a liberdade, com presença de olhos de ex-presidentes, deputados, senadores e políticos de todo o mundo. Essa tirania gerou êxodo de 8 milhões de venezuelanos, quase 25% da população.

O senhor acredita em uma eleição justa e transparente?

A eleição de hoje não será nem justa, nem transparente, nem limpa. María Corina Machado e agora Edmundo González Urrutia não tiveram um segundo na tevê aberta, nem espaço de publicidade em rádio ou jornal. María Corina, eleita com 92% dos votos da oposição em primárias reconhecidas pelo governo, foi impedida de se registrar como candidata, em uma falsa e manipulada inabilitação política. Ao considerar toda a manipulação, ao devolver mesas e rejeitar observadores internacionais, e evitar que 4 milhões de venezuelanos votem no exterior, é claro que

isso é uma vantagem do aparato institucional nunca antes vista. Mas, confiamos na capacidade de organização de María Corina Machado. Apesar da falta de missões da OEA e da ONU, impedidas de estar na Venezuela, confiamos na mobilização e na logística da oposição para a contagem dos votos. Estaremos atentos a denunciar qualquer ato irregular. Amanhã (hoje), se define, na Venezuela, o destino da liberdade e da democracia no país e na América Latina.

O que espera sobre o papel do Brasil?

Os únicos olhos nos quais o mundo pode confiar, em alguma medida, com uma margem de dúvida, são os de Celso Amorim, enviado especial de Lula e experiente em política externa. Está claro que os supostos 600 ou 700 convidados por Maduro são funcionários do regime. Esperamos de Amorim duas coisas. A primeira é

Arquivo pessoal



mostrar que está em Caracas como representante do Estado brasileiro, e não para aplaudir Maduro. Que ele se reúna com Edmundo González e com María Corina. Seria insólito se não o fizesse. Lula disse que quem ganhar deve governar e quem perder deve voltar para casa. A segunda é que Amorim se encontre com Vladimir Padrino, ministro da Defesa, e com as Forças Armadas, pois são quem maneja a logística eleitoral, são encarregados de abrir e de fechar os centros de votação. Que não se permita o funcionamento das seções eleitorais até meia-noite, como ocorreu antes de 2015. Esperamos que Amorim peça às Forças Armadas que não reprimam o povo venezuelano. (RC)